



Publicado em 15/03/2019 - 09:03

# Os ciclos da cana

Após período de queda, produção de açúcar e etanol volta a crescer em Pernambuco

Tweeter

Curtir 0

Compartilhar

-A

A+

Gabriela Bezerra

“Acabou-se a cana. Acabou-se o mé. Até para o ano. Se Deus quizer.”

Os versos da canção antiga simbolizavam o fim dos trabalhos e a esperança na produção do próximo ano. Até meados de abril, quando se encerrará a safra 2018-2019, cerca de 12 milhões de toneladas de cana-de-açúcar devem ser moídas em Pernambuco. O número representa um acréscimo de quase 10% em relação à moagem anterior, de acordo com Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool (SindAçúcar-PE).

## 12 mi

de toneladas de cana devem ser moídas na safra 2018-2019.

Apesar do crescimento, Pernambuco, que até 1630 esteve entre os maiores produtores mundiais de cana, hoje não é nem o primeiro do Brasil. Atualmente, São Paulo concentra 50% da produção, cabendo a todo o Nordeste 10% do total. Na avaliação do engenheiro agrônomo e professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Djalma Euzébio, a presença de pátio fabril e a existência de topografia favorável ajudam no desempenho do Estado do Sudeste: “Lá, o declínio do café deu espaço para a cana. Aqui, houve avanço tecnológico nas últimas décadas, mas ainda estamos atrás”.

Atualmente, a atividade tem uma participação de 29,3% no valor obtido com toda a atividade agrícola em Pernambuco, segundo dados obtidos com a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe-Fidem). Esse percentual já chegou a 46% nas duas últimas décadas.

Responsável, há 28 anos, por projeto que integra a universidade e o setor na produção de novas variedades genéticas da cana-de-açúcar, Djalma chama atenção para a necessidade de investimento em pesquisas. “Se não houvesse estudos, praticamente não existiria cana para plantar hoje”, frisa. Nove usinas pernambucanas participam do projeto, que conta também com a participação de outras nove universidades brasileiras.

“Conseguimos fazer cruzamentos com materiais mais ricos, vindo inclusive de outros países. O processo torna as variedades mais resistentes a doenças, garantindo maior produção por área

“Se não houvesse estudos, praticamente não existiria

A tecnologia mudou a atividade canavieira ao longo dos anos. Até o começo dos anos 1980, a produção era 100% manual e com transporte animal. “Houve uma evolução lenta de lá para cá, até porque a mecanização exige pesquisa cara”, observa Djalma. A topografia pernambucana também é apontada como obstáculo, já que impede a expansão da mecanização no corte, método presente em 90% da colheita paulista. Atualmente, apenas 10% da pernambucana é feita por máquinas.

Na safra atual, o Estado conta com 13 usinas em funcionamento. Desde 2011, o setor enfrenta dificuldades. No período, houve paralisação das atividades em sete unidades produtoras em pelo menos uma das safras. **O reaquecimento a partir de um novo ciclo da cana no Estado** – iniciado em 2015 com a reabertura das usinas Cruangi e Pumaty, na Mata Sul – trouxe esperança.



Em fevereiro deste ano, o tema repercutiu no Plenário da Alepe. “A reabertura dessas usinas foi o que de mais importante aconteceu na Zona da Mata nos últimos anos. Se há uma unanimidade nessa região, é a respeito dos benefícios econômicos da reativação do setor açucareiro. As feiras nas cidades estavam vazias, mas hoje estão cheias”, descreveu o deputado **Antônio Moraes** (PP).

Ano passado, produtores reuniram-se na Assembleia Legislativa para debater proposta com potencial de gerar 20 mil empregos diretos e indiretos por ano no Estado. **Em audiência pública realizada pela Comissão de Desenvolvimento Econômico**, o Projeto Renovar foi apresentado como alternativa para recompor a cultura canavieira no Nordeste.

Pelos cálculos do consultor do setor sucroalcooleiro em Pernambuco Gregório Maranhão, “nos últimos cinco anos, o Nordeste deixou de produzir 20 milhões de toneladas de cana, o que representa 200 mil empregos perdidos”. Em termos financeiros, ele indica um prejuízo de R\$ 4 bilhões. “Mais do que uma solução, o Renovar é uma contribuição oportuna e de caráter emergencial para Pernambuco e para o Nordeste. A cana é um insumo de integração regional”, destaca.



**RENOVAR** – Em 2018, produtores apresentaram proposta com potencial de gerar 20 mil empregos por ano. Foto: Roberto Soares

Em fevereiro, foi criada a **Frente Parlamentar em Defesa do Setor Sucroalcooleiro**, para discutir medidas de fortalecimento da atividade no Estado. “Sou empresário do ramo e vejo o segmento em extrema decadência, tendo cada vez mais dificuldades. Queremos que o Governo possa intervir de forma positiva para reverter esse quadro”, afirmou o deputado **Clovis Paiva** (PP), que propôs e coordena o colegiado. Ele avaliou, ainda, que “não basta reativar usinas. É preciso examinar mais de perto e de maneira mais profunda os problemas do setor”.

Da cana esmagada no Estado, cerca de 54% são destinados à produção de açúcar e 46% para o etanol. O custo do açúcar, no entanto, tem contribuído para modificar essa balança. De acordo com o Sindaçúcar-PE, “nas últimas três safras, houve uma queda nos preços do açúcar, que tem cerca de 30% da produção negociada no exterior. No mercado interno, os preços também caíram no mesmo período, em torno de 25%”.

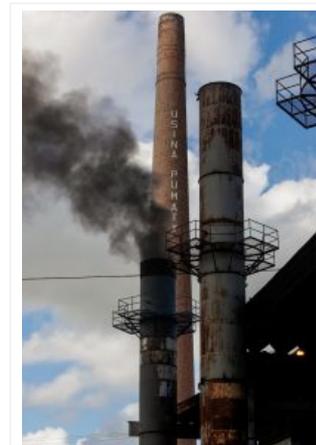
O sindicato avalia a tendência de ampliação da produção do etanol também em razão da maior procura: “Nos últimos dez meses, o etanol substituiu mais de 37% de toda a gasolina consumida em Pernambuco”. Também é produzida energia elétrica a partir do processamento do bagaço da cana.

## Trabalhador rural

Em dezembro do ano passado, houve deflagração de greve dos canavieiros após 13 rodadas de negociação. De acordo com a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais do Estado de Pernambuco (Fetaepe), a paralisação, que durou quatro dias, mobilizou cerca de 80% da categoria.

O ponto principal da pauta de reivindicações foi o deslocamento remunerado ao local de trabalho. Até a aprovação da Reforma Trabalhista, em 2017, o art. 58 da **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)** previa a incorporação do tempo desse percurso, ida e volta, desde que o local de trabalho fosse de difícil acesso e não servido por transporte público regular, e que o empregador fornecesse a condução, era a chamada hora *in itinere*.

Como o período em deslocamento representava um acréscimo de 20% a mais no salário, a categoria lamentou a perda e cobrou compensação. “Conseguimos a garantia de vários direitos, mas a hora *in itinere*, infelizmente, não foi mantida em audiência de conciliação realizada na



De acordo com a Federação, o contrato safra inclui o piso de R\$ 1.016, uma cesta básica mensal no valor de R\$ 50, além do pagamento por produtividade. Estima-se o corte diário de três toneladas por trabalhador. A produtividade é calculada a partir do que for cortado a mais.

No período de entressafra, a renda dos profissionais advém da possibilidade de recontração para o plantio e do **Programa Chapéu de Palha**. “Seria importante para os trabalhadores rurais que houvesse a desvinculação entre o Chapéu de Palha e os programas de assistência social, já que há dedução do valor caso a família receba outros auxílios”, pontua Gilvan. A maior parte da categoria é composta por homens, entre 20 e 50 anos.

## Herança doce e amarga

Em abundância no Estado, o açúcar também foi responsável por forjar o patrimônio cultural no âmbito da gastronomia, com cardápio variado de bolos e doces. O livro *Assucar*, escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre, reúne as receitas e reflete acerca da presença do ingrediente nas relações sociais.



**ASSUCAR** – Escrita pelo sociólogo Gilberto Freyre, obra reúne receitas e reflete acerca da presença do ingrediente nas relações sociais. Foto: Malu Didier/Divulgação

Ao destacar que “o açúcar é um ingrediente social”, a antropóloga Ciema Mello, do Museu do Homem do Nordeste, fala sobre a importância do doce na cultura. “A gente faz bolo, toma café e conversa – o açúcar está presente nos nossos rituais de convivência. Nas nossas festas, celebramos sempre com um bolo”, pontua. Também sublinha que Gilberto Freyre foi o primeiro a perceber isso: “Ele entende o açúcar não só sob o aspecto econômico, como aquilo que a gente exporta”, observa.

Do departamento de Gastronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a professora Neide Shinohara chega a afirmar que “o doce de Pernambuco é mais doce”. “Isso fica claro nos concursos de culinárias no Brasil e no exterior. Aqui há sempre a percepção de que o doce tem que aparecer, tem que sobressair, no sabor. Está no DNA pernambucano”, analisa.

A cana começou a ser cultivada no Brasil por meio dos portugueses, sob o trinômio monocultura, latifúndio e escravidão. A influência de três séculos de apogeu da produção repercutiu de tal forma na

Para o professor de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Marcus de Carvalho, a frase pode ser ampliada: “Sem o açúcar, não se compreende o Brasil”. “A estrutura de latifúndio e escravidão marcou muito a sociedade brasileira, étnica e economicamente, o que permanece até hoje”, avaliou.

O livro *A Velha Usina*, de Robert Levine, traz a informação de que, “em tempos prósperos, algumas fazendas tinham chegado a possuir até 150 escravos. E o escravos constituíam, em certa época, cerca de três quartos dos trabalhadores do Estado”.

### Passeio resgata o papel do açúcar para a construção do Nordeste

Gilberto Freyre considerava fundamental conhecer a história do açúcar para compreender o homem do Nordeste. Além do clássico *Casa Grande e Senzala* (1933), em que dá a sua contribuição sobre a formação sociocultural brasileira a partir dos engenhos, ele é autor de *Assucar* (1939), um apanhado dos bolos e doces do Nordeste brasileiro. A obra completa 80 anos em 2019 e é tema de **exposição** iniciada, em março, no **Museu do Homem do Nordeste**.



**EXPOSIÇÃO** – Iniciada em março, no Museu do Homem do Nordeste, mostra reúne objetos que demonstram centralidade do açúcar no cotidiano do nordestino. Foto: Malu Didier/Divulgação

Curadora da mostra, a antropóloga Ciema Mello conta que a primeira edição de *Assucar* estará exposta aos visitantes. “O açúcar tem sido, na nossa cultura, um pretexto para o convívio e uma demonstração da nossa hospitalidade”, pontua. A exposição busca representar uma festa de aniversário para a obra.

O passeio deve seguir pelo Museu, que busca promover a reflexão sobre o que é o Nordeste e quem é o nordestino. “É uma região gigante que expressa uma diversidade cultural grande. Mais do que oferecer respostas, procuramos oferecer um espaço mais interrogativo”, destaca Ciema.

Desde peças requintadas pertencentes à aristocracia a peças utilizadas pelo povo da região, objetos da cultura do açúcar podem ser observados no Museu. A coleção conta também com acervo antropológico que destaca produções afro-brasileiras e indígenas. Este ano, o museu completa o seu quadragésimo aniversário.

#### *Exposição Assucar*

Museu do Homem do Nordeste

Avenida Dezanete de Agosto, 2187, Casa Forte, Recife

A partir de 15 de março (duração de três meses)

Entrada gratuita